



## **Memórias de moradores da Rua Duque de Caxias, João Pessoa-PB, da primeira metade do século XX: tramas sociais e culturais contrastantes.**

ALANA CAVALCANTI CRUZ\*<sup>1</sup>

A cidade de João Pessoa, mesmo sendo litorânea, surgiu no Centro, tendo o Rio Sanhauá como referência para o seu nascedouro. A partir desse dado, pretendemos começar a nossa análise, sobre as memórias e conseqüentemente, o imaginário urbano pessoense. Sandra Pesavento, em seu artigo “História, memória e centralidade urbana”, nos traz contribuições valiosíssimas, acerca dos significados e símbolos, que contribuem para o imaginário da centralidade urbana. Assim podemos perceber que através de dados objetivos e subjetivos, tais como hábitos, maneiras de ser, bem como os acontecimentos do passado, as identidades se fundamentam:

*As identidades são fabricadas, inventadas, o que não quer dizer que sejam, necessariamente, falsas. As identidades, enquanto sensação de pertencimento são elaborações imaginárias que produzem coesão social e reconhecimento individual. Identidades asseguram e confortam, sendo dotadas de positividade que permite a aceitação e o endosso. Identidades fundamentam-se em dados reais e objetivos, recolhendo traços, hábitos, maneiras de ser e acontecimentos do passado, tal como lugares e momentos. Com tais elementos, a identidade implica na articulação de um sistema de idéias imagens que explica e convence (PESAVENTO, 2007, p.4).*

Segundo Sandra Pesavento, geralmente os centros urbanos, carregam essa simbologia, pelo fato de geralmente, terem sido responsáveis pelo surgimento das cidades, sendo assim os elementos naturais, quando se integram com a cultura, possuem um forte valor simbólico:

*Mais do que isso, a identidade se mostra e se exhibe em ritos e práticas sociais, e se dá a ver, como no caso dos monumentos, feitos para lembrar. E tais marcos, como se pode bem apreciar, têm seu locus preferencial de referência nos centros urbanos, núcleo onde tudo começou. A construção de identidades urbanas tem seu acabamento na construção de paisagens, onde o enquadramento do espaço construído com seus elementos referenciais e icônicos e ajusta e se enlaça com o meio natural. Neste sentido, cidades à beira do mar, de um rio ou de um lago jogam com o elemento natural a integrar-se com a cultura, compondo imagens dotadas*

---

<sup>1</sup> Mestre em História pela Universidade Federal em Campina Grande (UFCG)



*de valor simbólico de forte apelo. Conhecemos de sobra centros urbanos, corações da urbe que atraem pelo seu valor de paisagem. É ainda o cenário urbano de um centro, agitado e densamente povoado e edificado, o traço emblemático que melhor define o fenômeno urbano (PESAVENTO, 2007, p.4).*

Em se tratando da cidade de João Pessoa, percebemos que o Rio Sanhauá e o seu entorno, desempenha esse papel reforçado pela a autora, no que diz respeito a ligação existente entre a paisagem natural com o cultural. Mesmo com o passar do tempo e consequentemente havendo o desaparecimento de algumas funções desempenhadas por esse setor em outras épocas. O centro da cidade ainda ocupa um papel relevante no campo da memória. A maioria dos habitantes entre as décadas de 1930 e 1940 pertenciam à elite pessoense, em tempos que o centro da cidade, representava a vitrine do moderno, atendendo às necessidades dessa camada social. A bibliografia local analisada, geralmente enfatiza essas localidades que foram freqüentadas por esse grupo privilegiado. Mesmo havendo descrições de algumas praias no final delas, o Centro por ter sido palco de experiências de sociabilidades da elite local, acaba ocupando a maioria das páginas, e legitimando aquela passagem como vitrine do moderno durante muitos anos. Esse olhar voltado para o Centro da cidade, pode ser compreendido pelo fato dos seus espaços serem utilizados, seja para moradia, trabalho, lazer e demais sociabilidades, até a década de 1950 com maior frequência. Neste cenário, ser pessoense bem sucedido era sinônimo de morar, se divertir, consumir e se socializar no entorno do Rio Sanhauá. Assim como nos afirma Pesavento, o centro urbano geralmente tem essa visibilidade de vitrine, por abrigar o que já passou e ao mesmo tempo esconder alguns silêncios:

Destes tempos, o centro urbano é como que uma vitrine, um microcosmo do tempo que passou, mas que nem sempre se deixa ver. Destas temporalidades, o tempo mais difícil é o do esquecimento. Tempo que finge não ter existido, soterrando as lembranças. Talvez, por isso mesmo, seja o mais procurado por historiadores teimosos, que insistem em indagar 35 dos silêncios e em tentar preencher as lacunas e os vazios do passado de uma cidade (PESAVENTO, 2007, p.6).

É tarefa nossa, indagarmos, sem que muitas vezes tenhamos as respostas. Batermos nas portas que não serão abertas. Assim seguindo como um historiador teimoso, como sugere a autora, para nos aprofundarmos na multiplicidade do texto cidade.

Pretendemos caminhar por espaços muitas vezes esquecidos no contexto atual, porém bastante vivos na memória dos traseuntes cidadãos de outrora. O nosso ponto de partida será a Rua Duque de Caxias situada no centro da cidade de João Pessoa. Na condição de representante da memória geográfica de fundação da Parahyba, podemos

destacar a relevância desta rua, localizada no Centro até a primeira metade do século XX, vale salientar que sua notoriedade se deve também ao fato de ter sido freqüentada por pessoas que pertenciam a grupos sociais de prestígio na sociedade, conforme nos indica a passagem a seguir:

*Rua Direita, Rua Baixa, Rua de São Gonçalo ou do colégio. Eram estes nomes da nossa atual Duque de Caxias [...] Localizando-se no centro da cidade, [...] Nela moravam comerciantes, industriais, professores, médicos, políticos, magistrados [...] (AGUIAR, 2002, p. 220-221).*

As representações das experiências cidadinas estão associadas ao cotidiano dos seus moradores e sua relação com as ruas centrais. Neste momento histórico, era na rua Duque de Caxias que aconteciam as festas, as quais serviam como entretenimento e sociabilização da época das elites locais, pois lá além de residências, comércio, consultório, também existia o Clube Ástrea e o Clube Cabo Branco.

Gostaríamos neste momento de apresentar uma narrativa a partir das memórias de um antigo morador da Rua Duque de Caxias, hoje residente na Praia Ponta de Campina, no município de Cabedelo. Mário Glauco Di Lascio, nasceu em João Pessoa (1929), onde permaneceu radicado, formou-se na Escola de Belas- Artes de Pernambuco (1957), lecionou na Escola de Engenharia da Paraíba, fundou o curso de arquitetura da UFPB, no qual lecionou, atuou no Serviço de Engenharia, foi consultor da prefeitura de João Pessoa de 1954 até 2008. Dentre várias obras realizadas nesta cidade, está a reforma do Ponto Cem Réis, o qual recebeu iluminação, foi arborizado com um moderno e importante viaduto denominado Damásio da Franca, nome do gestor da época. Este foi construído no intuito de atender a expansão do trânsito de veículos.

Sua família chegou à capital paraibana em 1916, pois seu pai Hermenegildo Di Lascio de origem italiana, porém erradicado na Argentina, foi contratado, juntamente com outro compatriota e companheiro de ofício o arquiteto Pascoal Fiorilo, ambos no governo de Camilo Holanda. Uma das razões para que eles e outros profissionais da área buscassem essa cidade, devia-se ao fato dos encaminhamentos das obras públicas realizadas na cidade, portanto Mário já nasceu em uma família bem sucedida e por isso usufruiu de espaços privilegiados de acesso a uma minoria favorecida.

Seguindo os passos do pai, também se tornou arquiteto, desenvolvendo projetos particulares, bem como foi responsável durante várias gestões municipais, por conduzir obras da prefeitura, através de plantas de bairro, obras de mobilidade urbana, dentre outras. Atualmente, aos 86 anos, está aposentado, mas uma de suas atividades prediletas é conversar com estudantes universitários que estão realizando monografias, dissertações, teses, dentre outros trabalhos universitários sobre a cidade de João Pessoa. Ele afirma, que é sempre um prazer compartilhar essas informações, posto que a maioria dos seus contemporâneos já faleceram.

De forma descontraída ele diz: “[...] porque da minha época todo mundo já morreu, „pratrasmente“ não tem mais ninguém vivo, „prafentemente“ também o pessoal não sabe [...]” . Devido a sua formação em Arquitetura, Mário possui uma grande facilidade em delimitar verbalmente as áreas da cidade. Ao tratamos da Rua Duque de Caxias ele nos descreveu suas características principais, e provavelmente devido à influência do seu ofício, no decorrer da conversa pegou papel e lápis para fazer os rabiscos do que ele estava descrevendo. Então sem que saíssemos da cadeira pudemos transitar na Rua Duque de Caxias nos idos dos anos 1930 e 1940.

O depoente inicia sua descrição, enfatizando que a Rua Duque de Caxias é uma das mais antigas urbanizadas, ligando a área católica ao poder político, na época em que ele morava lá, ela chamava-se Rua Direita, nome que geralmente era dado para demarcar o trecho que liga dois largos de Igreja (Do Convento de São Francisco ao Mosteiro de São Bento), essa denominação na época também foi utilizada em outras cidades do Brasil, como em São Paulo e Rio de Janeiro. Também relata a respeito das transformações que ela passou ao longo do tempo, mudando e transformando sua configuração urbanística e formando uma nova paisagem:

[...] que o Palácio do Governo que naquela época, nem se chamava Palácio da Redenção, e nem era Palácio do Governo era outra Igreja, que era o Convento dos Jesuítas, onde hoje é o Palácio da Redenção, que ainda ficou a torre, aquela torre do Liceu, que num é mais Liceu, é a Faculdade de Direito, ali era o Convento dos Jesuítas [...]. Outra coisa, agora tá o Palácio da Redenção, o jardim, a torre [...] aquele jardim era a Igreja da Conceição que foi derrubada [...] (2).

Em “Fronteiras marcos e sinais”. Leituras das ruas de João Pessoa, organizado por Nelci Tinem, é feito um pequeno histórico dessa rua, que atesta sua representação de vitrine do moderno, do final do século XIX a meados do século XX. Esta rua foi

palco das várias transformações da cidade, como também precursora dos equipamentos modernos de acordo com o contexto. Dessa forma, possui significado não só simbólico, mas na materialidade urbana da memória da cidade, sendo considerada uma das mais antigas ruas da cidade, com características elitistas. Dentre as suas principais construções, estão as edificações religiosas, habitacionais e administrativas.

Em relação aos equipamentos modernos que fizeram parte da sua história, sempre como pioneira em relação a outras áreas da cidade podemos citar: Calçamento com pedras vindas do Rio de Janeiro (Século XIX); iluminação pública; poste de luz elétrica; bonde elétrico. No século XX, a rua foi tomando outra forma para atender os ideais modernos, sendo assim, várias igrejas foram derrubadas para surgirem praças. Nos anos 1930, a Praça João Pessoa foi rotulada como vitrine da cidade, por ser um dos locais de lazer da Rua Duque de Caxias preferido para as práticas de sociabilidade e entretenimento da época. Assim, podemos perceber a representatividade dessa rua na formação urbana da capital paraibana, conforme nos mostra a passagem a seguir.

Assim, essa rua participa de grande parte da dinâmica urbana e do processo de remodelação da capital que, entrando no século XX com intuito de se modernizar, como ocorre em outras capitais brasileiras, transforma seus campos, largos, travessas, becos, em praças, avenidas e parques, remodelando sua aparência herdada do período colonial, segundo os ideais de uma modernidade almejada que direcionam novas formas aos espaços urbanos que são embelezados, saneados e ampliados para valorizar a circulação e estimulam a população a adotar novos usos em concordância com essa nova aparência. (TINEM [org], 2006, p.95 e 96)

Percebemos o quanto o cinema já fazia parte do seu cotidiano, como uma prática cultural. Certo dia, ao receber o seu boletim com a nota três em matemática, o seu coração ficou apertado e disse ao seu amigo Antonito – “ Tô lascado, o último capítulo do “Besouro Verde” eu perder!” . A exclamação de Mário, devia-se ao fato de que, o entretenimento do domingo na Matinal do Piazza, só era permitido pelo pai, após assinada a caderneta e ter-se conferido que todas as notas estavam acima de sete. “Por que aí o pai da gente assinava a caderneta, toda semana, as notas que tirávamos na semana o pai lia, assinava a caderneta, aí liberava pra gente ir a matinal do Piazza, que era um filme de Cowboy e a série... “O Besouro Verde”... etc” (.

Diante do ocorrido, o seu amigo lhe deu uma solução, transformar o três em um oito. Mário passou muito tempo treinando, até ficar perfeito, quando ele estava super

feliz, Antonito lhe alertou que o próximo passo seria encontrar uma tinta da mesma cor da que estava na caderneta. “Arranjamos a tinta! Tô salvo!”. Diante do êxito, tudo indicava que ele iria assistir o tão esperado último episódio da série “Besouro Verde”. Na tarde daquele sábado, o senhor Hermenegildo Di Lascio, já estava sentado em sua cadeira aeroplana, fumando charuto, quando viu Mário se aproximando pediu a caderneta:

Aí ele pegava a caneta pelicano, ficava primeiro olhando e olhando e o charuto andando pra lá e pra cá e ele olhando e eu atrás em pé no encosto da cadeira olhando por cima pra ver a desgraceira, ele olhou, olhou e deu um suspiro assim [faz o barulho do suspiro] aí virou, porque a assinatura era de lado [fez o barulho da assinatura também] fechou e disse:

- Pronto!... Quando eu dei uns quattros passo assim para frente ele fez:

- AMANHA NÃO TEM CINEMA! Tu acha que eu ia perguntar por quê? [gargalhamos] .

Outro entrevistado foi o Sr. Osmar de Lima Carneiro, natural de Brejo dos Santos no interior da Paraíba, chegou em João Pessoa ainda jovem com 18 anos, no ano de 1958. Estudava no Lyceu Paraibano e à noite trabalhava na construção civil como servente de pedreiro e morava na Rua Duque de Caxias, logo no início da nossa conversa ele enfatiza a tranqüilidade do viver em João Pessoa nos anos 1950. Observe:

A respeito dos divertimentos ele destaca:

O divertimento do povo de João Pessoa era visitar as vitrines da Duque de Caxias e no domingo à tardinha era um passeio tremendo. Inclusive, o povo passeava na Duque de Caxias e terminava na Praça João Pessoa que dominicalmente tinha retreta, Banda de Música da Polícia Militar tocando, Banda de Música da prefeitura e o povo ficava ali passeando na Praça João Pessoa... Era muito interessante, era muito bonito, era uma festa muito grande. Nove e meia da noite o povo se recolhia, pronto, a cidade voltava a ficar deserta. [...] E a Lagoa, à tarde, de sábado ou do domingo, a juventude ia passear, namorar, andar de mão dadas, casais de namorados, porque era tranqüilo, bem arborizado e bem frequentado pelo povo. Ainda não tinha aquele movimento de transporte coletivo cercando a lagoa. A Lagoa era reservada somente para o passeio público, somente para a juventude, somente para o povo de João Pessoa. [...] Às vezes também ficar só na porta da minha pensão, na Duque de Caxias, para o ver o povo passeando e visitando aquelas vitrines já era um grande entretenimento para a minha realidade social e financeira da época .

O entrevistado nesse momento narra a sua experiência enquanto morador do centro da cidade, na época da sua juventude, e descreve uma das formas de divertimentos daquela época. Os exemplos citados são: a visita as vitrines da Duque de Caxias, com a presença de bandas musicais e o passeio na lagoa pelos jovens

enamorados. É importante observar, de acordo com a sua descrição, que o povo citado, não se trata dos populares, o termo usado, refere-se a um grande número de pessoas que passeavam no centro da cidade “o povo passeava na Duque de Caxias e terminava na Praça João Pessoa [...]” , provavelmente membros da elite paraibana, podemos inferir isso, pois o depoente naquela ocasião era de origem humilde, e ele não participava daquele tipo de lazer, pois como ele mesmo afirma :

“Às vezes também ficar só na porta da minha pensão, na Duque de Caxias, para o ver o povo passeando e visitando aquelas vitrines já era um grande entretenimento para a minha realidade social e financeira da época” .O grande entretenimento para Osmar, era a observação daquele grande fluxo de pessoas, transitando pela Rua Duque de Caxias, no caso ele entrava como um testemunho, pois ele não pertencia aquela realidade da elite, porém fazia parte daquele contexto, ou seja, a sua memória individual está pautada na sua experiência do vivido, mesmo que seja observando. Vejamos a contribuição de Halbwachs a esse respeito:

Contudo se a memória coletiva tira sua força e sua duração por ter como base um conjunto de pessoas, são os indivíduos que se lembram, enquanto integrantes do grupo. Desta massa de lembranças comuns, umas apoiadas nas outras, não são as mesmas que aparecerão com maior intensidade a cada um deles. De bom grado, diríamos que cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva, que este ponto de vista muda segundo o lugar que ali ocupo e que nesse mesmo lugar muda segundo as relações que mantenho com outros ambientes (HALBWACHS, 2006, p.69).

Sendo assim, o indivíduo tem as suas memórias individuais estruturadas de acordo com o pertencimento do mesmo com o lugar, por isso as memórias mesmo coletivas de um lugar se diferenciam também, pois uns se sentem pertencentes outros não. Observem:

Admitamos, contudo, que as lembranças pudessem se organizar de duas maneiras: tanto se agrupando em torno de uma determinada pessoa, que as vê de seu ponto de vista, como se distribuindo dentro de uma sociedade grande ou pequena, da qual são imagens parciais. Portanto, existiram memórias individuais e, por assim dizer, memórias coletivas. [...] Por um lado, suas lembranças teriam lugar no contexto de sua personalidade ou de sua vida pessoal- as mesmas que lhe são comuns com outras só seriam vistas por ele apenas no aspecto que o interessa enquanto se distingue dos outros. Por outro lado, em certos momentos, ele seria capaz de se comportar simplesmente como membro de um grupo que contribui para evocar e manter lembranças impessoais, na medida em que estas interessam ao grupo (HALBWACHS: 2006. p.71).



## REFERÊNCIAS

AGUIAR, Wellington e Mello, José Octávio. **Uma Cidade de Quatro Séculos.** Evolução e Roteiro. Gráfica Grafset, 1985.

AGUIAR, Wellington Hermes Vasconcelos. **Cidade de João Pessoa - A Memória do Tempo.** 3 ed. João Pessoa, Ideia, 2002.

BOSI, Ecléa. **O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social.** São Paulo, Ateliê Editorial, 2003.

CERTEAU, Michel de. (et all) **A Invenção do cotidiano: 2, morar, cozinhar.** Petrópolis, Vozes, 1996.

\_\_\_\_\_, Michel de. **A Invenção do cotidiano: artes de fazer.** 21 ed, Petrópolis, Vozes, 2014.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva.** Tradução: Laís Teles Benoir, São Paulo, Centauro, 2004;

MONTENEGRO, Antônio Torres. **História oral e memória: a cultura popular revisitada,** São Paulo, Editora Contexto, 1992.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História:** revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História, São Paulo, n. 10, p. 7-28, 1993.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **Cidades visíveis, Cidades Sensíveis, Cidades Imaginárias.** Revista Brasileira de História-Órgão Oficial.

\_\_\_\_\_, Sandra Jatahy. **História & História Cultural.** Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

\_\_\_\_\_, Sandra Jatahy. **História, memórias e centralidade urbana.,** *Nuevo Mundo Mundos Nuevos* [En ligne], Débats, mis en ligne le 05 janvier 2007, consulté le 22 avril 2015. URL : <http://nuevomundo.revues.org/3212> ; DOI : 10.4000/nuevomundo.3212.

SOUZA, Antonio Clarindo Barbosa de. **Lazeres permitidos, prazeres proibidos.** Sociedade, Cultura e Lazer em Campina Grande (1945-1965). 2002. Tese (Doutorado em História). Programa de Pós- Graduação em História. Universidade Federal de Pernambuco. Recife.

TANKO, Janete Leiko. Clubes recreativos em cidades das regiões sudeste e sul: Identidade, sociabilidade e lazer. **Patrimônio e Memória** (9). Revista. UNESP-FCLAs-CEDAP, v.7, n.1, p.328-347, jun.2011.

TEIXEIRA, Coelho (org). **A cultura pela cidade.** São Paulo: Iluminuras: Itaú Cultural, 2008.

TINEM, Nelci (org). **Fronteiras, Marcos e Sinais.** Leituras das de João Pessoa, João Pessoa, UFPB, 2006.